

TRÁGICA COMÉDIA SATÍRICA DRAMÁTICA

EM SEU GORDO PEDESTAL DE HIPOCRISIA  
A SENHORA DEMÊNCIA JOGA CABRA-CEGA

Teatro de Arena  
Av. Borges de Almeida, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Fátima Marques/Ley Amrayam

PEÇA EM UM ATO

PRÓLOGO

Dia sem nuances especiais. Burburinho de feira. Tipos diversos ,  
passeiam, transitam pelo local. Vendem bugingangas, frutas, docinhos  
Vozes se misturam num apelo único de compra e venda. Pintores retra-  
tam figuras saídas de um tempo passado. Citam observações em fran-  
cês, numa mistura de português por vezes compreensível. Tocadores de  
berimbau, atabaques, pandeiro, acentuam uma certa festividade. Alheio  
a tudo isto, uma figura encoberta (Eminência Parda) passeia e canta  
com certo ar suspeito e vago. Um Boi e uma Vaca observam tudo, como  
se deslocadamente estivessem em uma vernissage. Bebem Champanhe e  
são finíssimos. Possuem uma linguagem própria que se expressa muito  
particularmente através de mugidos dissonantes( criam um esquema de  
perguntas e respostas que só eles compreendem). Um pouco afastada  
do quadro de pintores, encontra-se uma liteira com uma Fada-madri-  
nha que descansa(toma chá- ou faz tapioca) postado ao lado um servo  
permanece sério e sempre atento aos desejos da fada-madrinha. Uma  
vendedor persistentemente vende ingressos para um espetáculo que se  
anuncia. Vende programas, camisetas, pipocas, etc...(Entre atores e  
público deve se criar um clima de partidarismo - público faz parte!  
e complementa a ação dos atores.

Dois pintores- Comentam sobre o desenho que fazem. Pintores enfati-  
zam o fato de pintarem um quadro já feito. (comentários: Que harmo-  
nia de linhas! Que luminosidade! Que jogo de sombras! Que cores, va-  
riações, que mistura, que tintas para um pintor, isto é arte, inspi-  
ração é o que não falta, etc...).

1º quadro- Um Rei e uma Rainha- beijam continuamente as mãos, das  
formas mais diversas através de jogo do corpo. Experimentam coroas.

2º quadro- Um cavalheiro e a Dama das Camélias- Ela encontra-se recl-  
nada em uma cadeira. Ao lado uma mesinha cheia de remédios. Em fren-  
te à Dama, o Cavalheiro recolhe corações que esta atira fracamente!  
Em uma mala a seus pés o cavalheiro guarda os corações, algumas vezes  
come ou mordisca timidamente a eles, privando-se de qualquer atitu-  
de mais definida em relação aos seus encantos pela Dama.

Tocador de berimbau, de atabaque, pandeiro, etc...procuram dar um ar festivo ao ambiente. Vendedores misturam suas vozes, num cantar incessante. Boi e Vaca procuram se comunicar com o público, citando observações pretensiosas em suas línguas. Eminência Parda deixa um sopro de mistério por onde passa, procurando despertar a curiosidade do público. Após um tempo, nesta situação, tocam-se as trombetas. É sinal que a Fada-madrinha se enfastiou. Prontamente Boi e Vaca, um dos pintores mais o servo vão até a liteira e a levantam. O outro pintor como obedecendo a um ritual, estende a mão a Dama das camélias e a Rainha convidando-as a saírem do quadro. Cavalheiro segue a Dama, Rei segue a Rainha. Postam-se a frente da liteira.

Tocadores berimbau, atabaque, pandeiro, vendedor de ingressos, programas, precedidos pela Eminência Parda se postam a frente do lanúsquito, puxando a procissão. Sons e silêncio das figuras. Público deve seguir a liteira. Fada-madrinha vai se manifestar. Quando inicia a falar, a procissão deve sumir discretamente, deixando apenas a Fada-madrinha e os carregadores. Alguns vendedores poderão ficar.

## I CENA

Fada-Madrinha:

Vinde todos, o jantar inicia! Levantai-vos com laivos próprios!  
Relembrai tempos áureos! Justiça nasça, castra, lastra!  
Ó mortais, tais insones, pelos brados alados!  
Ó mortais, tais insones, pelo vicejar de afrontas inopes!

Iniclesta, fique aqui! (sente aqui!)

Famigesta, ao meu lado, no tablado, pesa, fere, mata!

Indigesta, fique ao lado, em pé, sem gesto, sem indício...

Injustina, na outra extremidade(sente), que em meu peso lasso, me  
enlaço, me satisfaço! /

Começa o jogo! Estale o chicote!

Cada qual em seu lugar, cada qual sem seu lugar!

No ar o chicote dança e cada qual lança a contradança!

Que o jogo nunca pare até que um se mate!

Que o jogo(pare até que um se)mate! enquanto não pare!

...Que a lei é essa; e a lei é justa!

Se a lei é justa, a justiça anda nela!

Deus me anela, se de impropérios vergo ela!...

...Se justiça e Deus beijam os pés do poder!...

é que o poder é justo! É que justiça é poder!



Em rasgos alucinados

Beijar a boca travessa

Tenhas tu o pão que mereças!

4º Mascarado: A úlcera tão bela!

Já não se faz mais aquela...

O mel na boca mela

E o vinho resvala, fere, corta

Como bala: A gúela!...

5º Mascarado: Pantagroélica amiga...

Venha logo para a mesa...

Já que soubeste sobeja

Tanto dinheiro ganhar!

6º Eminência Parda): Pantagroélica amiga

Venha logo para a mesa

A mesa é sempre a mesma

Mas a barriga, ó desmedida!...

Não se contenta querida

Nem mesmo, quando bem servida!...

Todos, se dirigindo para a mesa, vão aos poucos tornando monótono o último verso, até cada qual ficar em seu lugar.

7º Verso (Todos): De um braço passe o fígado....

Em álcool conservado/ Umbigo deslocado a girar...

Derreta-me na manteiga/ Batata frita, tão meiga...

Como alho, soja, manteiga/ Não resiste tal mistura!

Justiça venha, não jura/ Sofrer tantas agruras!...

Comendo tal saracura/ Segura me manterás....

Todos na mesa, réu sob a fôrca em frente a mesa, cessam seus movimentos. Sinetas tocam. Entram dois anjos. Um querubim e um Anjão.

Fada-madrinha organiza suas correspondências, observa o que se passa em baixo. Algumas vezes escuta, outras divaga. Procura serpentinas! em suas coisas.

Anjinho e Anjão (Cantando)-

Sua, minha nossa

Absorvência demência.

Veja pois rainha, madrinha.

De Ítaca a Martinica veio e foi, quantas vezes se lhe aprouve  
ir ou voltar.

Não era boa nem má

A fada-madrinha acolá

Nem coitadinha ou gulosa

vivia vida honrosa  
concedendo a revelia  
criando ao Deus dará  
De Ítaca a Martinica veio e foi, quantas vezes, se lhe aprouve  
ir ou voltar.

Que tez mais bronzeada e fina  
Nem por isso sensual a Dinda  
Que desejos liberta  
Teimava em se fazer desejar  
De Ítaca a Martinica, veio e foi quantas vezes se lhe aprouve,  
ir ou voltar.

Fada-Madrinha, (como narrador, dirigindo-se ao público)- Eminência ' Parda lá está (na mesa Eminência Parda, desconfiada olha para todos os lados, temendo ser descoberta), com seu pardo poder...Poder Pardo! Ah! grande gerador e conjugador, talvez jogador destes justos...Sim irmãos, por ue a eles é dado poder de jogo de Justiça...Quem a eles dá esse poder, sou eu, que a vocês não dou...mas não sou má (profundamente maldosa) , não pensem que sou má. Quem gosta de cabra-cega! jogar, com certeza na mesa ainda vai parar....De Ítaca a Martinica, sempre pinica a Justiça!.....

Palavra -chave: Justiça- Boi e Vaca procuram na cesta, penduram no varal. Eurburin o dos Anjos. Na mesa sussuros: Justiça...Justiça... Frente aos juízes um réu sob uma fôrca. - A cada novo quadro rodízio na mesa, colocando as características do novo quadro.

1º Juiz- A Justiça é um tributo alto, muito alto! A mão que gloriosa a empunha, dilacera o que se diz inocente, pois que sempre mentem... mentem deslavadamente!....

2º Juiz: Sempre, sempre....Sempre, inocente é culpado!.....

3º Juiz- Sim! Numa sociedade culposa, corrupta, ignominosa: culpado pois é o puro!

4º Juiz- Sim ! É o puro, culpado ppis!

1º Juiz- Que fizeste, infeliz?

Réu- Acidentalmente, manchei de vinho, a roupa de sua Excelência- o Magistrado- quando este estava a brindar o prazer que lhe dava, compactuar com a Justiça. O vinho derramado espalhou-se em uma mancha enorme, que não tinha mais fim...Indignado, tomou meu ato como uma injúria à sua pessoa e ~ Justiça! Eis porque, totalmente inocente, estou condenado a morte.

2º Juiz- Bem o mereces, estúpido! Então, não avalias o que fizestes?

3º Juiz- A Justiça é filha da Injustiça! É o decreto!

4º Juiz- Secreto! Te revelo! Manipule torpes decretos e serás correto!

Réu- Sim! Assim farei! Assim farei!....

Rodízio na mesa. Preparam-se para colocar coroas. Eminência Parda ' inicia uma estória, Fada-madrinha observa tudo.

Eminência-Parda- Era uma vez um frei dominicano, que, se não me enga no, caminhava a pé, Europa acima e Europa a baixo; muito fervoroso, muito religioso, mas tinha um porém, não resistia a política...De ' corte em corte, por trás do pano, saltitava suas intrigas...

Fada-Madrinha- E, como!!

Burburinho entre os Anjos. Sussurros na mesa: Como? Como! Como? Boi e Vaca procuram palavra chave: Como. Penduram no varal.

1º Rei- Como ousas, miserável, arremessar-te contra o poder?

2º Rei- Levantas tua lança, contra o Estado?

3º Rei- Lembre-se, que és apenas um indivíduo!

Réu- Desculpe-me, senhor, me confundes...Que é um indivíduo?

4º Rei- Um indivíduo é aquele que forma a massa. Portanto(massa é massa, não indivíduo.

4º Rei- Mande reformular o Dicionário! Esses conceitos arcaicos, es tão gerando a confusão entre o povo. Indivíduo é Massa! Estado é Po der! Portanto, Estado é Indivíduo! Eios o correto!

Todos: Correto está, brindemos pois!.....

Rodízio na mesa. Se caracterizam para o quadro da família.Eminência Parda conta uma estória. A mesma.

Eminência Parda- Era um frei Dominicano, que saltitava Europa acima e Europa abaixo, buscando fundos para uma cruzada contra os infiéis... Andava sempre descalço e se recusava a subir em quaisquer carruagens reais...Foi a pé de Paris a Roma bater na porta do Papa, e acabou ' sendo nomeado...Sim, tanta intriga fez que acabou sendo nomeado, Su perior dos Dominicanos.... Até Richieur, o ministro do Rei, seus con selhos ouvia, pois que o tal frade sonhava em fazer dos Bourbons , a dinastia preferida por Deus- a primeira da Europa inteira- mas com os Habsburgos à espreita, precisava ser muito rápido....

Fada-Madrinha concorda. ~urburinho entre os Anjos. Sussurros na mesa: rápido?! Rápido! ?....

Boi e Vaca procuram palavra-chave: Estendem no varal.

Marido- Rápido! Sem delongas, sirvam a mesa!

Mulher- Querido! Sabes que o médico recomendou, que não comesses Tanto!...

Velha- Lembre-se do colesterol, da hipertensão, do reumatismo, da artrite, do excesso de peso, da flebite!....

Marido- Chega!...Chega!...Querem me enlouquecer?...Preciso dessa massa, para me sentir, mais atuante, hierofante, ativo, cativo! Ah! Como me satisfaz, me fortalece!

Mulher- Meu bem, eu sei que este não é o momento...Pensando bem... acho que este é justamente o momento....Assim pelo menos, você para de comer!..

Marido- O que é? Sabes, que nada me deves esconder!...Vamos, diga logo! O que é, o que há, o que haverá, o que haveria??....

Mulher- Pois bem! A Glorinha, está grávida!....

Marido- A Glorinha? Grávida? Impossível! Ela ainda não casou! É INADIMISSÍVEL!?! ? Como ousou! ??....(para Glorinha) Sua despuorada! ...Manchas a minha estirpe!....

Velha- Controle-se, homem!

Marido- Controlar! Controlar!....Vê u ensinar a essa inconsequente, o nome que ela carrega! SERVO!....Traga o chicote! Vai ser aqui mesmo, que você, vergonha que me anuncia o enfarte, vai vomitar esse filho!... Traga o chicote!....

Servo- Perdoe-me, senhor, mas não trarei!..

Marido- O que dizes! ? Como te atreves, miserável, a desobedecer, as ordens de teu patrão?! Não te pagarei este mês, pelo desacato!.. Vamos traga o chicote! O que te impede?!....

Servo- Senhor, sei que é ousadia, mas eu e a Glorinha nos amamos!

Marido- Tu, então! Só tu, és culpado, da desonra da minha casa! Como te atrevestes a sonhar tão alto!....Acreditas, que te daria Glorinha e o dote que ela tem? Previste mal, muito mal!...Aliás....nada espantoso para um servo!....

Fada-madrinha- Pobres coitados, não perdem a tara de vagar, sonhar, nadar.... Certa vez, conheci um tenente-coronel, grande estudioso da vida de José Maria, o frei dominicano....Como estudou este tenente-coronel e como intrigou só ele sabe.... Sim ! Grande discípulo de frei dominicano....sim, pois, pois...

Rodízio na mesa. Preparam-se para o quadro religioso. Palavra-chave  
‡Pois. Boi e Vaca procuram na cesta. Penduram no varal. Burburinho entre os Anjos. Sussuros na mesa.



Sim...Como sonhou o tenente-coronel....

Palavra-Chave- Sim. Boi e Vaca procuram ma cesta. Penduram no varal. Burburinho entre os anjos. Sussurros na mesa: Sim! Sim? Sim!

1º Empresário- Sim...Sim!...Com que esntão o servo recusa a oferta que faz o patrão?

2º Empresário- Mesmo com os nossos cuidados, conseguiu deflorar Glo rinha e ainda surrupiar dinheiro, a fim de formar uma pequena empresa!..

3º Empresário- Ora! Ora! Que mais pretendes, iludido! Achas que o Es tado permitirá?

Empresário- Ou vendes a empresa por preço irrisório ao teu patrão, ou não terás mais o Know-how-how-how-how-how-how-how-howhowhowhow how....que precisas. Quem tudo tem, tudo pode é teu amo!

1º Empresário- Pela gratidão, pelo amor, a quem te sustenta, que tu, Judas.... trai e renega entregue tua empresa, a quem de direito. O' mais forte, o mais poderoso, o que tudo pode, o que tudo tem, teu patrão, teu amo, teu senhor, teu rei!...

2º Empresário- Teu senhor, produzirá bens de consumo à altura da me diocridade do povo. Teremos, mais acidulantes, mais conservantes, pes tilantes, todos os antes, dos mais comuns aos mais exóticos!.... E' mais, muito mais plástico, cada vez mais e de menor duração!...

3º Empresário- É preciso que a força estrangeira, se impregne em nos so país de bárbaros!....

4º Empresário- Reneguemos nossos padrões e nossas origens!

1º Empresário- É preciso que a massa vire um bolo disforme!....

Término do jantar.Fala da Eminência Parda.

Eminência Parda- Era um frei Dominicano, o padr José Maria, andava' Europa acima e Europa abaixo, buscando fundos para uma cruzada contra os infiéis, que o acusam atualmente de ter sido tão hábil intrigante que conseguiu desconcertar o mundo até os dias de hoje....Sim, fez' tantas intrigas que a Europa nunca mais se recuperou, sendo culpado inclusive dos ressentimentos antigos, que geraram o 1º, a 2º e prova velmente a 3º guerra mundial....Era Conselheiro do Ministro do "iei, e usava sua ordem como polícia secreta mandava relatórios periódicos de todos os pontos do globo....Tudo sabia....Sim, tudo sabia....

1º Político- Tudo sabia?

2º Político- Sim. O Sr. Presidente a de convir....

3º Política-Não, não convenho nada. O Sr. 1º secretário, deveria dei xar as convenções ao cargo dos menores...

Todos- Sim, dos menores....

Fada-Madrinha- Com é corjs . Já chegaram a um acôrdo. Ah! Ah! Era um dominicano! Sim, corja, sábio homem... Pois na arte da política, professor de muitos outros posteriores que por trás dos tronos e cadeiras palacianas teceram suas intrigas,...

Um intrigou tanto na Rússia, que destruiu a Dinastia....

(Comentários. Citam o nome.. Sussuros).

Um certo outro também que de presidente da Down Chimical corporation foi arrebatado ao por trás das cadeiras palacianas, resistindo a tres presidentes retirando-se por benemérita velhice...

3º Político- Sereníssima!

Fada-madrinha- Sereníssima! o que calhordas!...

4º Político- Sim Sir, devo lembrá-los que lembrá-los que ficaríamos com 5 Bases. E vocês 7.

1º Secretário- Por que eles mais e nós menos? E nossa honra?

1º Políticos- Já se vê que você entrou agora para o clube!

2º Político- Tolos! Creêm que vamos disparar alguma coisa? Se somos os únicos a perder! Precisamos manter o jogo.

3º Político- Temos alguma coisa a perder?

4º Político- Sim! Temos o Poder!

Todos- Sim ! O PODER!

1º Político- Mas é bom que o povo mantenha a linha. Nada como um Pai presente para manter a linha. Manter a ordem.

Todos- Rejubilemo-nos pois e assinemos.

Fada-Madrinha- Como é abutres, vão demorar muito com essa palhaçada? (Todos se engasgam).)

1º Político- Servo! A caneta!

1º Secretário- Servo, tome estes livros. Após ler distribua grátis ao povo. É preciso espalhar idéias novas e principalmente dividas, com uma certa confusão geradora de conflitos...

Fada-madrinha- Chega de enrolação! Saiam logo! Chamem o vulto histórico... Em que raízes se meteu o vulto?! Procurem o vulto!

Boi e Vaca, formam a frase, tentam encontrar uma explicação plausível, se inquietam, perguntam, resolvem consultar a fada-madrinha, ou alguém que interceda, isto sem antes terem uma crise histérica violenta. Carregam suas cestas e esperam serem atendidos. Neste meio tempo anjinhos correm procurando encontrar o vulto. Acabam se batendo com o Boi e a Vaca. Anja continua a procurar enquanto Querubim atende o Boi e a Vaca. Fada-Madrinha muito nervosa, à beira de uma crise, se abana, toma calmantes, profundamente impaciente. Observa ao longga, procurando avistar o vulto. Boi e Vaca vão engatinhando até o confeccionário. Querubim põe o hábito. Começa a apontar o pedido do Boi e da Vaca.

Anja tenta desanuviar o ambiente queimando incenso e benzendo a sala. Querubim após completar o pedido, sai do confessionário e leva o pedido ao Anjão, que o lê solenemente. Boi e Vaca esperam ansiosos... Envia a Fada-Madrinha.

Anjão (lendo o pedido) - DOS DILETOS PROTEGIDOS E ALIADOS

Visto tal situação, ter causado imensa perturbação aos mui ordinários ordeiros e sempre alegres afillhados, estes, frente ao desespero que se alastra, no mais constricto recanto de suas arrependidas almas do pecado originário, aconchavada ainda, a bola cíclica da consciência requerem e mesmo imploram a Vossa Divina Dona Fada-Madrinha que mui excelsa navega...que vossa boníssima e sapientíssima asas pairam à sombra da Justiça, feito real tapa-pó à esgançada e ignóbil Injustiça apreçoada em oratórias dissidentes, Ó Cemente! Certos das atenções de nossa requerência demência beijamo-lhes as pagadas.

Anja entrega a carta, o que perturba mais ainda a Fada-Madrinha. Fada-Madrinha- Sim, certo pois certo, que resposta ei de dar! Toquem as trombetas que o vulto histórico encontra-se intimado a aqui comparecer sem mais delongas! Chega de brincar no jardim! Sem mim! Toquem as trombetas! (Anjos tocam as trombetas). Aparece o vulto histórico.

Fada-Madrinha- Enfim chegas! Milhões de consulentes já rondam, após este julgamento. Querido vulto histórico, como estás despendeado! Encontro-me num dilema enfastante. Sim. Conflituoso dilema enfastante...Ah! Você devia se cuidar mais!

Vulto histórico- Acreditas que foi por falta de cuidados que me tornei um vulto histórico? Ora, fada-madrinha, não desconverse. Com certeza de meus conselhos precisas...Uma visão passada sempre tem seus encantos...Uma armadilha antiga, um resultado convincente... O ciclo histórico não se renova, é pura ilusão. O poder não cede seu lugar a ninguém...

Fada-madrinha- Veja o que me aconteceu! Pedidos sem fim, chegam de lugares afins! Que graças devo conceder a este povo? Não sei se tanta rebeldia merece tal ousadia de clemência...(enquanto fala, arruma, penteia o vulto). Controlar o povo de tal forma que nem rebelde, possa ele delirar sua cólera... Histórico vulto, que vivências passadas, que sabedorias eternas em teu pedestal de sapiência podes acumpliciar a mim, ó soberbo hipócrita...

Vulto histórico- Ouça, Divina, é melhor dar um contentosinho ao povo do que o trono perder...Ceda um pouco, que recompensa ao trono virá...

Fada-Madrinha- Está certo, certo está...Voltas ao teu jardim, que

por mim já decidi...Vá, vulto histórico, histórico vulto, remonte ' ao teu passado que aqui já aplico o teu atraso sempre e eternamente sábio....Ó soberbo! Retire-se! Sim. Em desalinho finas linhas desalinho...No rococó dos meus sonhos teço estórias.... Oh! fingidas ' unhas que rasgam corpos na carícia de um cafuné...

Queridos sobrinhos diletos protegidos, abarcaí a dimensão de meu navegar... Julgamento se faça de novo, visto pedido insatisfeito se faz chegar...Que a Justiça não feneça ante o arremesso da lança, que em meio a abundância preenche a pança... Que ânsia, que fome, que morbidez de voluptuosa dança, embriaga a sentença deste réu. Oh! que ' choro! Que penúria! Toquem os violinos para que eu sinta mais! Oh! ' que choro imenso! Que imenso choro! que se refaça a contento o involutivo dissonar de inteligências. Por favor, não aguento mais, cessem o violino!... A mim, que retenho em desalinho, estas linhas feito d destino de arminho, nada resta que tecer...

Ah! masmorra...domino estórias em que me enfastio...Percebem? Oh! como me esnfastio!.... Mas a pobre mortais dou o vinho que merecem! Salve Dionísio, meu irmão que embriagou o mundo!.... Que se retome o que já se tomou, que volte a estória que já se fez, que este poder, eu a Divina, retenho...

Limpem tudo, que a Justiça é limpa, asseada! Espanem o pó que ' encobr processos! (Anjos começam a limpar a mesa).

Que volte Kafka, que o Processo fundamente a Sentença! Que atributos distribuídos a cada qual, qual cada retomem seus lugares.

Não mostrem a ausência neste julgamento, que confunde a sapiência. Que se forme o tribunal antes que o final se esclareça no inicial...

Toquem trombetas, que o escalda-pé vai começar!...

Anjinho e Anjão limpam tudo colcando comidas e utensílios em uma cesta. Após a fala da fada-madrinha começam a repetir em coro.

Anjinho e Anjão- Cai ó sensibilidade, e me tapa com a tua densa nuvem sensorial! Sim, sim, precisamos de uma vassoura! Cadê a vassoura? Sou um anjo preocupado em varrer a sujeira do mundo. Não! Não! Sou apenas um querubim!- E eu já sou um Arcanjão! (continuam juntos) A Divina Dona Fada-Madrinha deve ter-se equivocado! Sim, pois sim, sou é um faxineiro! É a única explicação certa neste caos! Ó mas se é o caos, não há necessidade de explicação certa. Sou um Louco de ' tal feito anjo e coisa assim, de vassoura e tudo o mais! Oh! triste sina! Já a alucinação, o desvario tomam conta de mim. Já não mais raciocínio !.....Óóóóóóó, raio de luz que me envolve no papel, com mel!

Permanece a mesa e tres cadeiras em cima da mesma. Anjos saem .  
Entram 3 juizes, a Defesa, o Acusador, o Arauto. Entram carregando  
o Réu. Procissão festiva, folclórica.  
Juizes sentam em cima da mesa nas cadeiras. Arauto anuncia.

Arauto- Frente a Comemoração do Novo Ciclo, concernente a inaugu-  
ração do novo magnífico calendário reorganizatório das cizaneas'  
claustrofóbicas frente as adverbiais revoluções históricas "semea-  
das durante séculos....

O Tribunal do Juizes, irmanado na efusante liberdade que grassa  
solta pelos corredores do Forum, por deferencia de nossa Augusta,  
Santa Augusta Dona Divina Fada-Madrinha, atenciosamente reformulati-  
va concedeu um novo ciclo histórico por pedido de seus Diletos Pro-  
tegidos e Aliados....

Juizes-(confusos)- Protegidos diletos? Alidados Protegidos? Dile-  
tos Protegidos,..etc...(Burburinho, confusão cresce).

Juiz Supremo- (bate o martelo) - Silêncio! Que entre a 1ª testemu-  
nha. Que entre a Dama das Camélias!

Entra cantando, juizes envolvidos, beijam-lhe as mãos quando esta  
se aproxima.

Dama das Camélias: Muito prazer cavalheiros, Marguerita.

Juizes- Marguerita?

1º Juiz- Não és então Dama das Camélias...

2º Juiz- Justo, justo, conluo que és então Dama das Margaridas,  
Marguerita, Margarida...Muito suspeito...

Juizes- Ora deixemos para lá. Que encanto de testemunha!

Dama das Camélias- Ó bela cotovia a cantar!...na certa busca do '  
amado perdido...dores címbalos a soar em minhas entranhas, de um ca-  
carrilhão antigo, que tocasse a muda tarde numa aldeia esquecida...  
Sim! Devo dizer a verdade!..É necessário que se diga a verdade pois  
que maior veracidade do que um barbitúrico para curar a insônia de  
amor...Que seriam dos amores, sem seus respectivos remédios. Devo  
dizer contudo que nos olmos e choupos fronteiros a minha janela'  
o vento baila...baila...baila...Oh! Oh! Ao decorrer fique gravado  
aqui, meu derradeiro suspiro (Todos suspiram).

De Londres a Paris( Defesa localiza no Mapa, Arauto aponta na Lousa).

De Florença a Veneza

Da Grécia ao Cairo

Um pé na Europa outro na Ásia

No Bósforo passeando

Banhando-me no Mar Egeu

Aprendi tantas lições

que deixariam hirtos e flácidos  
os carreiristas do mundo.  
Em tal manacial de cultura  
Vi-me logo diplomada.  
Eis, que retorno a Pátria  
bem amada, cansada, acamada.  
E por meu amor rejeitada.  
Jamais me perdoará(ria)  
este guapo fazendeiro  
Tanta cultura, tanta fineza  
Tanto requinte e nobreza.

Jamais!...Jamais!... (Vai saindo) Emoções, burburinhos. Silêncio.  
Juizes se recompõem. Em meio a soluços esparsos.  
Juiz Supremo- Chame a 2ª testemunha!

Entra o Pintor. Este ao ver o estado dos Juizes, tem uma crise emocional que vai crescendo a medida que se aproxima do réu. Após dominar a emoção inicia suas elocubrações, tomando um ar bastante didático, pedagógico, que impressiona os Magistrados.

Pintor- Sim. Quando você se torna sensível ao mau, você fica insensível ao bom. Você seleciona o sentido no ato de ser sensível.... Quando você é insensível ao lindo você consequentemente é sensível ao feio, não importando o fato de que normalmente o mais lindo desperte a sensibilidade... Quando você se torna receptivo a uma sensação frente a uma pessoa, objeto, som, ambiente, momento enfim, você se autopune pela insensibilidade que sente no momento em que seleciona o ato sensitivo ou insensível frente a um fato. Passa então, a uma segunda classe de sensação que seria sobre a insensibilidade que sempre vai existir no momento em que voce divide as sensações. Me parece que voce se torna sensível a um fato e insensível a outra face deste fato, porém a esta outra face sobrepõe-se uma sensibilidade à insensibilidade sentida... Você autoflagela com a sensibilidade. O fato de você selecionar o ato sensível leva a uma bipolaridade sensitiva, na verdade, você está em um estágio que ninguém conceituou, porque é simples demais... no fundo você é neutro a sensibilidade e insensibilidade, caso contrário, você não sentiria as duas coisas ao mesmo tempo... mas você é autentica a esta forma de sentir, que eu não sei qualificar.... É estranho... é como se você estivesse muito longe, de um ponto que eu não percebo... mas sinto que existe... é uma incoerencia entre as sensibilidades e insensibilidades que eu conheço... Sim. Não. Não é bem assim. Eu simplesmente divaguei, dentro da lógica, sei lá porque... a fantasia cria situações que não existem... ou será a realidade... fantasia?...

São nuvens densas que encobrem a lina simples da vida...A fantasia é um dano...é fácil reconhecer...Vamos acabar com a fantasia! Ela só gera problemas que não são reais! Reais? Talvez seja preciso minar a realidade, antes de explodir a fantasia!...

Juízes acordem. Não entendem nada. Se olham Perguntam.  
Juízes: O que é o que? que o que? O que é o que?

Indecisão geral do Júri e da Defesa.

Juiz Supremo-(se reconpõe gritando)- Silêncio. O QUE É O QUÊ?!

Arauto e Defesas Desdespeito! Desrespeito! A testemunha está multada por desrespeito!

2º Juiz- Limpe-a daqui para fora!

Anjos varrem a testemunha.

Juízes- Chamem a terceira testemunha. Chamem a Lebre de Março para a Acarriação!

Lebre de Março entra roendo cenouras. Gera antipatia geral.

Juiz Supremo- Por favor, poderia fazer menos (barulho) ruído.

1º Juiz- Comecem a Acarriação rápido.

2º Juiz- Quer dizer que viu o réu?

Lebre de Março- Quero dizer o que vi. E o que vivo.

Se vi? Sim. Vi. É mais fácil ver do que não ver.

1º Juiz- E o que viu?

Lebre de Março- Vi o que vi.

Juiz Supremo- Por favor, pode ser mais precisa?

Lebre de Março- Sim, sempre posso ser mais do que menos. Vi.

Juízes- Huf!

2º Juiz- Pode descrevê-lo?

Lebre de Março- Sim e Não. Não estou bem certa. Talvez.

Juiz Supremo- Ela está fugindo a pergunta! Segurem-na!

Anjos seguram a Lebre.

Lebre de Março- Ele tinha pés enormes e pernas altas e asas e umas garras de fazer medo. E cantava. Cantava. Sim, lembro-me muito bem. Algo que rimava com Lodaga, Capinzal, Laranja!

Juízes- Cantava?

Lebre de Março- Contava.

Juízes- Contava?

Juiz Supremo- Cantava ou contava?

Lebre de Março- Sim. Estava com certeza.

Juízes- Estava?

Lebre de Março- Sim. A contar de Março, a Março de contar, talvez alguém saiba de adivinhas viver...

Tempo, tempo menino, não quer mais saber de brincar na mesa de chá, no chá que na mesa não quer mais ficar...

Sentada a tomar chá, lá ficamos Chapeleiro e Arganaz, a enfeitigar o pão, que de chá já tomamos um fartão...

Culpa, culpa, se acelere, quebre tempo, que de estórias não temos mais o que contar. Réu é tempo que não passa, e eu não quero mais saber de tanta trapaga!... Não quero mais ser a Lebre de Março, exijo Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março...Março? Não! Março eu pulo com um passo!

Tá ta ti...tá tá tá... Março eu pulo com um passo!

Tá táti...tá tá tá... Março eu pulo que nem gato!

Juízes: GATO! (estranham-se) Mas não é uma Lebre?

Juiz 1º- Lebre é, com certeza!

Juiz 2º- É com certeza, pois, falsa testemunha!

Juiz 1º- Si, testemunha falsa!

Lebre de Março- De falsa testemunha nada tenho! Que o tempo manipule, sem não o réu eu tranco no bule! O RÉU EU TRANCO NO BULE! Tempo, tempo menino, não me engavete sem canivete! que tudo quebro num tabefe!

Juízes- Perjuro! Desrespeito!

Juízes: PER- JUROS?

Juiz 1º- Sim, a Lebre de Março tempo cobra juros! Aumente a multa. Nem fevereiro nem Abril!

Juiz 2º- Março é o que mereces!

Juiz Supremo- Expulsem o mes daqui! O tempo parou muito tempo! Não podemos continuar o julgamento! Tirem a Lebre de Março! Que se passe o tempo, que este por si só se absolve, sem que ao réu implícita culpa fique! Que fale a Acusação!

Todos- Ordem! Ordem! Respeito! Ordem, respeito! Ordem! Silêncio!

Acusação- Ora, meu caro senhor Magistrado, é de lhe dizer, que não se crê no Apocalipses?

Juízes( se olham, se refazem da pergunta)- Não cremos no Apocalipse!

1º Juiz- O Apocalipse digamos assim, é uma dádiva.

Juiz 2º- Sim uma sabedoria!

3º Juiz- Uma graça outorgada por nossa Fada Sapiientíssima em sua benemérença ao povo, no sagrado intuito de mantê-lo unido. (Juiz Supremo)

1º Juiz- Sim, ordeiramente alegre.

2º Juiz- Sim, da união e ordem do povo, nasce a nossa força e poder. E é nosso poder e força, o forjador da união, da ordem e do bem-estar do povo!

Juiz Supremo- Sim! Senão seria a anarquia!

1º Juiz- Sim! O Império da Desordem!

2º Juiz- Se cada um fizesse o que brotasse de si...

Acusação- Não! Não cairíamos, Benemerencia, nesta HERESIA(horror geral), de atribuir bondade e beleza inata, intrínseca ao réu, como farol norteador em sua atribulada jornada. Ele carece de Justiça! Ele anseia de Lei! Ele precisa de proteção, quer dizer, negar isto é certamente merecer a pena máxima. A promotoria forja a execução máxima o mais rápido possível, e pede um clamor atônito, ou melhor, porque não dizer estático, que a Justiça se cumpra nos autos deferidos e na realidade- que embora tão vaga e incerta- próxima vindoura... Lembrai-vos senhores Magistrados que vem rezando per sécula seclorum a Igreja que a culpa do pecado original deve ser paga, e porque não dizer, VIVER paga dia a dia a sua pena.

1º Juiz- Sim, senhores magistrados. O único farol norteador, o facho nesta escuridão é a lei. Lembrem-se que já não lidamos mais com um suspeito mas um criminoso confesso e certamente reincidente.

Acusação- Sim, cossas absorvencias deveis precaver-vos quanto a isto.

Tocam as trombetas-Fada- Madrinha se manifesta.

Fada-Madrinha(sonolenta)- Que tédio tentar decifrar-me e Indecifrar-me...

Vulto Histórico entra correndo. Grande agitação. Tambores ressoam.

Vulto Histórico- MANIQUEU MORREU! MANIQUEU MORREU!

Juízes- Maniqueu morreu? Rápido, que fale a Defesa! Não enterrem Maniqueu!

Defesa- Senhores...Senhores...Senhores, Senhoras...Etcetcetera...etcétera...Etcé t e r a...e...t...c...é...tera....

E eu digo, que um dia! ainda que o significante inscndável e indefectível, que se submete imposições, permitindo a incúria e o falseamento de sua indestrutibilidade, pereço...feneço!!! Oh! Oh!....

Oh! Incurso! Implicadã! Incluído!...A nitescencia do real entendimento de envergadura tal que a minh' alma se constrange; venha por tal orden, desem pedernir o desconcerto remanescente no remanso reluzir de remoção e da remissão. Ora! Pois! Na coalescencia preferir antes se faz juz! Sim! Na pre eminência cumpre prefaciá-lo o dito! E eu, que neste momento!...Momentoso! Momentaneo!...põe-se a despencar momices da emoção que me abrange! Oh! Oh! Oh! que a dilapidação e a digressão do diatriba difemante e disforme, não se nobilite indiscreto diante, ante o legado hierárquico, cumpre a mim pois retirar o opíparo opérculo das consciências oclusas nooco escavar de miolos frondejantes ao vento incerto! Oh! Oh! Inlusco! Oclusco! Balético e Hermético me fecho! Oh! Oh! Oh!....

Juízes começam gradativamente durante o discurso da Defesa a passar mal.

Boi e Vaca que neste interím, saíram do público e agora estão postados ao lado da defesa, após terem lhe colado canga e viseiras, Permanecem estáticos. Ao final Anjinho e Anjão tiram a Defesa de cena através de puxadores. Em meio a confusão sai o Boi e a Vaca. Tocam-se as trombetas. Anuncia-se o Juízo Final.

Juízes vão até o confessionário e ajudam Fada-Madrinha a descer. Vulto Histórico leva o réu até a mesa.

Fada-Madrinha- Enfim, posso te olhar e te amaldiçoar! Posso te tocar e te detestar! Posso te matar mil e quinhentas vezes infinitamente, até que se esgote a minha sede insaciável! Quero teu sangue molhando meus pés, para que por onde eu passe, fique a marca de que fui eu, quem te matou. Eu e mais ninguém. Eu assumo a tua morte como uma coroação. Exijo pompas e festas! Tragam vinho e comida. Quero a mesa farta e que satisfaça a todos. Exijo um cerimonial especial para que todos saibam, que serenamente aceito a culpa e me liberto dela. SEI CONSCIENTE QUE TUDO É UM JOGO . Mas os vassallos não sabem. Que clarins tornem a tocar anunciando a festa! Que toquem os clarins! Os vassallos nada sabem! Pensarão que é uma excêntrica. Estão todos na mesma procissão que me acompanha. Que se toque uma música heróica, grandiosa, para que eu dignamente chegue ao trono. Que as damas não permitam que meu vestido se suje. Que os cavalheiros beijem a barra do meu vestido e que desse momento em diante nunca mais seus lábios sejam tocados. Eles carregarão o peso da minha culpa.

(Fada-Madrinha é corçada com uma Coroa-Igreja).

Todos sentados a mesa. Finos. Requentados. Escutam a Fada-Madrinha.

Juízes- Mas ninguém tem culpa!

Fada-Madrinha- Se não tem, deliciaram-se com a idéia de associar-se a ela. ISTO BASPA. (Réu é destapado). Sompreenche a sala. Figuras vão saindo, dando entrada ao Bói e a Vaca. Estes sentam em frente ao réu decepado sobre a mesa. Servem-se. Deixam-se. Entram Anjinhos que penalizados tentam disfarçar o feliz horror com uma faixa. Na faixa está escrito: FIM. Luzes se apagam. Palco vazio. Porta de entrada abre-se e aparece tres mascarados. Dois guardiões postam-se na porta. O terceiro mascarado chama a atenção do público através de um :Psiu! Convidando-os a saírem. Lá fora a feira deve ter um aspecto de final de feira. Algumas pessoas ainda se encontram por ali, arrumando suas coisas.

FIM.